

# O REVIRALHO

ORGÃO DO COMITÊ DE DEFESA DA REPUBLICA

Preço \$50 centavos  
LER E FAZER CIRCULAR

*A liberdade de pensamento é a  
mais nobre e legítima das aspirações  
humanas.*

Este jornal não se submete  
à censura

## ...AI DE NÓS!...

Ante o Exercito Português apresentamos — no nosso ultimo numero — um facto preciso, concreto, de ordem puramente militar: o chefe do governo — um general — ministros seus, generaes e officiaes superiores do Exercito e da Armada, e ainda outros militares de alta hierarquia, foram esbofeteados por um tenente, tratados a pontapés por um subalterno, foram ante inferiores desrespeitados. Nem um tão só deles que representam, bem ou mal, não se discute, a soberania da Nação, defendeu o prestigio do cargo, nem um tão só desses officiaes defendeu o brio da sua classe e soube honrar a farda que vestia. Tiveram medo. Foram covardes. O crime que o chefe do governo, ministros e mais officiaes superiores cometeram, é previsto e punido pelo Codigo Penal Militar, cabe na alçada do Regulamento Disciplinar do Exercito. A covardia entre militares é sugeita a duas ordens de sanções. Uma, marcada na lei escrita. Outra essencialmente moral. E' o crime que em tempo de guerra o pelotão de execução castiga com uma descarga e que dantes, em tempo de paz, tinha o seu epilogo tragico no centro de um quadrado, com os soldados de costas voltadas por desprezo, os tambores rufando soturnamente e um corneteiro arrancando um a um os galões desonrados, e que hoje termina por uma sentença que leva o covarde á prisão e depois á expulsão, como indigno do Exercito.

A sanção moral é a morte civil do covarde. E' a repulsa, o nojo, o perigo de contaminação dessa lepra moral.

E' assim. E' assim porque é da lei. E' assim porque a tradição militar o quere e o exige. E' assim que em Portugal sempre se tem procedido com os raros, rarissimos militares covardes. Já-mais se abriu uma excepção. Já-mais.

Por isso o dilema que pozemos anteriormente tem de accitar-se. Quere o Exercito Português mostrar que tem a Honra por lema, a Coragem por apanagio, a Justiça por timbre e o vulto da Lei por base?

Proceda como deve. Como sempre tem procedido. Aplique aos generaes e demais officiaes poltrões, primeiro a sanção moral, depois amarre-os aos artigos correspondentes do Codigo de Processo Criminal Militar.

Acusação ampla, defesa inteira, para haver Justiça perfeita. Este é o caminho. Só este. Mais nenhum. E' a solução militar, corrente, normal. Quere o Exercito cumprir o seu dever? O respeito inteiro de todo o País, cobri-lo-ha.

Pretende o Exercito abafar sob disfarces politicos tão monstruoso crime? Ai de nós!

Ai de nós se o País perde a confiança no seu Exercito. Ai de nós se o edificio secular, assente em alicerces amassados com sangue de heróes, erguido por colunas altissimas de valentia e coragem, corberto com a cupula cristalina do desinteresse e da honra é minado pelas termites da ambição e se nele veem fazer os ninhos os abutres e os corvos, preparando-se para devorarem a memoria dos nossos antepassados.

Ai de nós se o Povo vê as armas, compradas com o seu dinheiro — o seu sangue — destinadas a altos e nobres fins, servirem tão só de guarda fiel ás burras da judiaria dos Capelistas, aos camaradas ministros locupletando-se á custa do tesouro e vendendo á Espanha e á Belgica pedaços da nossa carne, terras de Portugal.

Ai de nós se o País vê o seu Exercito amado tapando á coronhada as bocas que pedem justiça, atravessando com balas assassinas os corações de irmãos que batiam apressados numa ancia doida de liberdade.

Ai de nós se o País vê o seu Exercito com as espadas, simbolos da Justiça e do Amor Patrio, cortando impiedosamente as leis por que ele proprio se rege.

Não, não, o País não terá de vestir o luto sombrio pela morte das suas ilusões.

O Exercito vae cumprir o seu dever. Tranquilisemo-nos todos. O Exercito vae cumprir a lei. Vae julgar em Conselho de Guerra e em Tribunal de Honra os que o vexaram, portando-se como covardes. Vae.

... Ai de nós se não fosse ...

## Basta de Mentiras!

Passos e Sousa é manobrado inteiramente pelo monarchico Pereira Coutinho, seu chefe de gabinete e Pereira Coutinho, o da firma Rôxo e C.ª, tem tido a habilidade de pôr á frente das tropas o que de mais monarchico, o que de mais reaccionario ha no Exercito. Artilharia 3, que estava feita com caçadores 5 para a fita integralista, é obra sua. O Baptista que o diga. O campo entrincheirado é pasto de monarchicos. O comité de vigilancia do Campo, da presidencia do capitão Correia Leal, que se diz e confessa monarchico, é feroz. Ser-se republicano é um crime. Implica logo a saída do Campo. O Cunhado do Pereira Coutinho saiu da Comissão onde estava para tornar-se no Campo Entrincheirado o Fiscal da Obra monarchica do socio do Rôxo e C.ª Desafiamos a que neguem estes factos. Passos e Sousa mente quando se afirma republicano. Os factos mostram-o covarde, mentiroso e factor de una obra monarchica. Jogo franco.



## A MARÉ ENCHE

Não admira o que vamos narrar. É fruta do tempo neste regime de ditadura que o 28 de maio ditosamente nos proporcionou. Os políticos eram maus — delapidadores dos dinheiros publicos. Escorraçaram-se os politicos e mandaram-se fusilar aqueles que não concordavam com a pureza das intenções do «valente» ministerio que rege os destinos do país.

O Bainim decreta sindicancias rigorosas que patenteiem bem a miseria crapulosa dos governantes republicanos e essas sindicancias, em que nada de imoral se apura, transformar-se-iam em documentos honrosos para os sindicatos se possuissem idoneidade moral aqueles que lhas fizeram. A Republica, pela mão dos Rosados, Sineis e Esteves, ia entrar em vida noval. E assim foi.

Nunca se viu mãos tão «limpas» e que com tanta destreza manobrassem. O dinheiro desaparece dos cofres publicos como por encanto. Os puritanos da ditadura são como os famintos na presença dum acepipe: não comem — devoram.

Está nestes casos o capitão Manuel Pestana que, um belo dia, deixou a cargo de chefe de gabinete do ministro do Interior sem que fossem explicados os motivos ponderosos que o levaram á demissão. Os respeitaveis jornaes que todos os dias trazem a lume, com retratos e tudo, os nomes de individuos que, por desgraça, caíram nas malhas da policia, esmiuçando-lhes a vida e arrastando pela lama a honra duma familia, noticiaram o facto com o mais estreito dos laconismos.

Pois bem. O capitão Manuel Pestana não abandonou o seu cargo por desinteligencias com o ministro ou por conveniencia da sua vida particular. Este homem, que ainda hoje ostenta nos braços os galões de oficial do exercito e que passeia livremente, ombro a ombro com os homens de bem, pelas ruas da cidade, foi expulso das funções que desempenhava como gatuno.

**Roubou do fundo especial da Policia de Informações do Ministerio do Interior a quantia de tresentos e sessenta mil escudos que perdeu ao jogo no club Mayer.**

Se um funcionario modesto desviasse dos cofres do Estado uma parcela minima desta quantia para satisfazer as necessidades imperiosas da vida, o alvoroço era grande e os comentarios fervilhariam em desabono do prevaricador e dos politicos que o introduziram nas repartições publicas. Trata-se dum homem que enxovalha uma farda, o silencio é profundo em volta do seu nome e os moralistas da situação querem-no fazer passar por homem honesto para que o seu acto não venha manchar a gloriosa ditadura dos gafados Carmonas.

Que pena o espirito inventivo do Ocarina não ter creado ainda uma condecoração de Honra para os grandes defensores do «el-dorado» governativo!

Que bem iria ao peito deste Pestana uma medalhinha atestadora dos seus valerosos feitos

## Mais dinheiro! Muito dinheiro!

O Comercio e a Industria de Lisboa, Porto e Provincias esfalfam-se a gritar que não podem pagar o aumento de contribuições a que o ministro das finanças os quer obrigar. Ele é telegramas, ele é representações, ele é comissões a pedir ao ministro que suspenda o projectado aumento, sob pena de asfixiar de vez Comercio e Industria.

É o suspendes!

Então como é que se podia alimentar a voracidade dos Esteves, dos Motas, dos protectores dos Roxos e seus apanguados?

Dinheiro! Muito dinheiro é o que é preciso, aliás a Ditadura definharia e estiolar-se-ia miseravelmente.

O Comercio, a Industria e Agricultura terão que pagar mais, muito mais, porque é preciso alimentar, alem da tropa que apoia a Ditadura, a voracidade da finança que explora o tesouro publico e que se prepara, pelo açambarcamento das cambiais, a provocar a alta de todos os generos essenciais á vida, em grande parte, por desgraça nossa, importados do estrangeiro.

## O grande negocio das cambiais

Quando a libra e outras moedas estrangeiras, devido á especulação desenfreada, rareavam no mercado, atingindo preços fabulosos, os *politicos corruptos* criaram junto da Caixa Geral de Depositos um organismo que meteu os açambarcadores de cambiais na ordem, — e a libra, de 150 baixou rapidamente para 100 escudos. Os bancos, banquinhos e banquetas protestaram, barafustaram por lhe terem acabado com a mama, mas a *corrupção* politica foi inabalavel, sobrepondo os interesses do paiz aos interesses de meia duzia de banqueiros gananciosos e ladravazes.

Pois um dos primeiros cuidados da Ditadura foi dissolver o organismo criado pelos politicos. Resultado: a libra continuar a figurar como preço médio de 100 escudos nos boletins officiais, mas ninguem consegue adquiri-las, nem mesmo no Banco de Portugal senão por preço muito superior.

Quanto ganharia o Sinel por este *frete* criminoso, feito contra a economia da Nação, a favor de meia duzia de banqueiros? Quanto ganharia o Esteves e os outros para consentir na roubalheira?

## Contra os açambarcadores e falsificadores

A proposito da falta do azeite, cuja colheita este ano foi quasi nula, foram restabelecidos pela Ditadura aqueles tribunais de excepção para julgamento de açambarcadores e falsificadores, mas desta vez mais correctos e aumentados, — com juri militar, presidente militar, etc.

Aquilo era medonho! Parecia um conselho de guerra em frente de Verdun. Pois... esses tribunais sumiram-se como por encanto, depois de varios meses de custoso funcionamento, e o ministro da agricultura proibe agora a importação de azeite com o fundamento de que o paiz tem azeite suficiente para o seu consumo!

Muito divertido e muito comico, este ministro da agricultura!

em pról da moralidade da ditadura! Nunca, como agora, veio tão a proposito o titulo do celebre artigo do grande jornalista monarchico: «Arre, malandros»!



## O empréstimo

O Ministro do Comércio e os oficiais mais chegados à situação chamam ao empréstimo «um vigário». Não somos nós quem alcunhamos de vigarista o Cordes, é a sua gente, como vêm. Impossível por falta de espaço seguirmos com minúcia o que ao tal vigário se refere. Fa-lo-emos em síntese rápida. D'entre muitas propostas, tres se destacam: Uma de capitalistas espanhóis tendo à ilharga o governo de P. de Rivera. Trata-se de um empréstimo mais político que financeiro. Era a penetração rápida e em cheio da Espanha. Cordes e o ministério quizeram aceita-la. Tiveram medo da opinião pública, da revolta de todo o Exército, das pedras das calçadas que se levantariam para os lapidar. Só o Carmona por uma insensibilidade imbecil a aceitou e defendeu. Posta de parte. Restavam duas propostas. Uma americana, tendo por *leader* o Anselmo Vieira, monárquico, o *brasseur-d'affaires* e conselheiro de má morte do Carmona. Era de tal modo ruínosa para o País que o Sinel não se atreveu de momento a um estudo profundo das suas bases. Resolveu trazer à corda o grupo americano para a hipótese de lhe falharem outros meios e ainda para dele servir-se se o Tesouro Público desse o triste ai, com os sucessivos e fortes rombos que tem sofrido.

A terceira foi primitivamente formada por um consórcio bancário, onde figuravam capitais ingleses, holandeses, suíços e espanhóis. Nesta tinha o grupo Sinel todas as esperanças. O grupo trabalhava bem e era generoso. Dava *liras* abundantes. Algumas foram recebidas por antecipação. A quem? Quanto? A seu tempo irão nomes e números. O nome Cordes figura nisso e alguém da família. Adeante.

Todo o réclame feito teve por base esta proposta. Cerca de oito meses, quasi diariamente os jornais diziam que o empréstimo era um facto. Anunciaram-se obras e aguçaram-se apetites. «Repartiu-se a pele do urso antes do urso morto». Sinel foi para Castelo de Vide para estudar em suceso as clausulas e para poder receber em segredo os emissários. O Amílcar Mota fazia-lhe constantes visitas. Estava por dias... por horas... Marcou-se em Barcelona um encontro dos representantes do Governo português — uns banqueiros muito conhecidos de Lisboa — para a redacção definitiva do contracto. O Cordes sabe que um verdadeiro patriota conseguiu evitar que o crime se consumasse. E, não se consumou. Cordes desesperado voltou a Lisboa. E, começaram as idas e vindas de banqueiros em aviões. Tãmanha era a pressa do Cordes e as suas aflições.

O grupo inglês retirou-se do consórcio, receando complicações futuras. Os espanhóis eram os mais persistentes, declarando: «que mesmo que o Governo espanhol, isto é, os banqueiros espanhóis não fossem pagos, isso não os incomodava. Todo o seu desejo, toda a sua ância era empr-star dinheiro a Portugal. A' boca pequena diziam: que uma vez assinado o contracto, este havia de ser cumprido, e se em qualquer momento, no futuro, o não fosse integralmente que isso era até um *pretexto para uma intervenção armada* (sic). Deste argumento se serviram para os restantes associados que estavam dispostos a seguir a Inglaterra, abandonando a operação. Cordes e a sua gente *conhece* a frase. Apesar disso, Cordes continuou as negociações.

Arranjou-se um grupo americano para substituir o inglês. A Espanha manobrava bem. Figurava como o menor prestamista, mas a Espanha era de todos os do consórcio a que trabalhava com mais afínco. Cordes muito conscientemente, tendo apenas em mira a enorme comissão que lhe fora oferecida fingia não ver o jogo habil. Repelira, por medo, o empréstimo feito exclusivamente pela Espanha, mas aceitava agora este, *sabendo*, e muito bem, que uma vez realizado o empre-timo, a Espanha resgatava completamente e perto dos demais associados e ficava ela sosinha em campo, tendo emprestado a Portugal *12 a 13 milhões de libras*!...

Cordes *sabia* que a Espanha, depois exerceria sobre nós uma sãbia e apertada astíxia económica e financeira para impedir-nos o pagamento integral da emortisação e juros. Cordes *sabia* as consequências funestas para a nossa soberania nacional do facto de não pagarmos a dívida ao ambicioso-visinho. Cordes *sabia* a serie de vexames, de extur-dões de toda a ordem, de perigos políticos que dali adeviriam para o país. Cordes *sabia*-o. Todo o Governo da Ditadura o *sabia*, e todos teimavam em que o empréstimo se fizesse. Dinheiro—dinheiro para todas as loucuras é que fazia falta. Dinheiro para sustentar um governo vicioso, doido pelo mando. Dinheiro ás mãos cheias para se enriquecerem ministros vendidos. Dinheiro é que era preciso, muito embora o país se perdesse.

O empréstimo era um vigário, mas não era acepção em que o tenente Sarmiento, muitas outras tropas da situação e o Ministro do Comercio a tomavam.

O empréstimo era o maior dos *vigários*, e era o maior dos crimes, porque para gaudir de alguns imolava-se à ambição da Espanha, Portugal inteiro. O Portugal de hoje e sobretudo o Portugal dos nossos filhos que vendo-se algemados, com o orgulho de portugueses diminuído, servos de outra Nação haviam de amaldiçoar todos os miseráveis Cordes da Dictadura, e até nós, que por covardia, por comodismo ignobil havíamos deixado efectivar tão nefando crime.

Contra a vontade dos Cordes o *vigário* não se efectuou. **Até agora um poder superior nos tem protegido. Alé de nós no dia, que visionamos proximo, em que esse poder superior se aliar aos interesses espanhóis. dia, os Cordes enriquecem e Portugal morrerá.**

## Um moralão de pacotilha

A' hora a que escrevemos estrebucha na agonia o ministério da ditadura. Meia duzia de bofetadas, applicadas por um tenente, fê-lo baquear.

Nem o amparo daquêles que á sua custa comeram sofregamente, nem a agua benta do de trajanopolis que, vendo o negócio a falir, fechou o contador!

Morre como os touros na praça, entre os aplausos da multidão. E morre impenitente, emaldito. Uma vida governativa cheia de crapulas e de miséria moral não podia ter outro destino.

Lá irão todos para a vala comum o Carmona, o Balão-Cativo esvasiado, o Magalhães com a ocarina desfeita, o Passos e Sousa com a palavra de honra no bolso para intrujar o Padre Eterno e forçar as portas do paraizo e o Cebolinha com a parte do corpo, fonte dos seus deleites, já gangrenada. Lá irão todos e a campa raza do despreso cerrará para sempre aos olhos dos vindouros o monte de esturme em que se transformou o aborto ministerial do 28 de Maio.

Acaso os portuguezes serão tão crueis que nem um banal epítáfio deixem aos futuros historiadores que os esclareça sobre o paradeiro dos vampiros que durante ano e meio pousaram nas cadeiras do Terreiro do Passos e lhes evite caminhadas entre o Panteon e o Pinhal de Azambuja? Não. Os que trabalham neste jornal, consciós dos seus deveres e para poupar atribulações aos pobres homens depoeim sobre a campa, em honra do mais autentico simbolo da ditadura, uma corda de canas de assucar de Umbelupi com legenda redigida nesta casa e que a Companhia Nacional de Navegação mandara cobrir com a sua bandeira para a preservar das inclemencias do tempo.

Aqueles que escalam o poder por meio dum movimento revolucionario, ou têm os instintos dum Catão ou as ambições criminosas dum José do Telhado. No primeiro caso, rodeiam-se de todas as cautelas na escolha dos homens que hão-de simbolisar as honestas intenções que os moveram. No segundo, aperram as espingardas e lançam-se na pilhagem a levar de vencida os seus adversarios. Basta que os antecedentes dum dos homens que compõe o elenco dirigente sejam de natureza duvidosa para pôr todos de sobreaviso sobre a honestidade dos seus propositos. Quanto mais se esses antecedentes são reconhecidamente criminosos e reveladores da mais absoluta falta de caracter!

Está nestes casos João Belo—o Cebolinha—o homem do Banco Ultramarino e da Companhia Nacional de Navegação e que ainda se enfeita para continuar na parte das Colonias, João Belo é franquista ferrenho. Di-lo, confirma-o, escreve-o em documentos officiaes e em diversos. Os republicanos merecem-lhe despreso. Os seus grandes homens são: nos mortos o Enes e o Mousinho, nos vivos o Ayres de Ornelas, o Couceiro e o Fernando de Sousa.

Desempenhando as funções de chefe do departamento marítimo de Moçambique, tornou-se um lacaio da Companhia Nacional de Navegação. Deu-lhe vantagens tais que, enriquecendo-a, prejudicou todo o comercio e agricultura da provincia. Obrigado pelas funções do seu cargo a informar sobre os assuntos que pela sua repartição corriam, mentia aos governadores segundo as suas conveniencias, creando-lhes embaraços que muitas vezes os levaram a demissão.

É este funcionario com jús a uma cela na penitenciaria, que a ditadura fez entrar, pela mão do Ulrich do Ultramarino, num *faut-eul* de ministro!

E, como diria o Dantas, é isto honesto, Cebola?

A C. N. de Navegação, com a protecção que lhe dava João Belo, tinha tarifas e fretes mais elevados de que os das companhias estrangeiras. A companhia não tinha navios suficientes para o transporte de todos os productos, do que resultava uma grande parte deles se detorarem e perderem para a riqueza geral. Se ela recebia grandes subsidios do governo da metropole e do governo da provincia, subsidios que eram indicados, patrocinados e obtidos por este funcionario corrupto, natural era que as tarifas e fretes fossem mais baixos nos seus barcos do que nos barcos estrangeiros e que a tonelagem fosse tal que servisse os interesses da agricultura e do comercio. Pode parecer que a referida companhia, possuidora de tão prestimoso empregado, *havia* apenas do Estado subsidios. Não era assim.

O Cebolinha dava-lhe vantagens taes nos portos que quasi não pagava a Moçambique um vintem de impostos. Enquanto os barcos estrangeiros pagavam, suponhamos duzentas libras (ouro-metal) ou sejam vinte mil escudos, os barcos da C. de Navegação pagavam, apenas, dezoito a vinte escudos. Por quanto teria sido comprada a consciencia dèste charlatão arvorado em paladino da moralidade publica?

Mas ha mais. Material da capitania e serviços do proprio pessoal official, João Belo fazia dèles oferta á C. N. de Navegação. Os inspectores da companhia a que nos vimos referindo, sempre escolhido entre officiaes de mariuha monarquicos, sabem bem que o departamento marítimo de que era chefe o Cebolinha era uma delegação da agencia.

O que acabamos de narrar é uma pequenina amostra do muito que temos que dizer sobre este amaneirado cavalheiro. Como o espaço é pouco continuaremos no proximo numero a marcar com ferro em braza a legenda que hespetuará a memoria do já celebre ministério da *galheta*.



# Ditadura de sangue e de lama

DIZ FIDELINO DE FIGUEIREDO

## História autentica da traição

### Revelações Assombrosas

Historiadores apurai as vossas penas, juizes envergai as vossas togas, Ouçam e escrevam uns, julguem os outros.

Fidelino de Figueiredo, o malogrado pinto destinado ao poleiro da instrucção e morto na casca, apenas entrou na Penitenciaria, ingressou na *enfermaria*, que é, naquelle purgatorio, o logar destinado aos ungidos da sorte.

### FIDELINO QUERE EXPONTANEAMENTE PRESTAR DECLARAÇÕES

Sabendo que ia defontar-se com os diversos officiaes do Exercito e civis, ali detidos como revolucionarios, dirigindo-se a um amigo a quem manifestou muito interesse em ser por eles ouvido, para não fazerem dele conceito errado, pois tinha entrado no movimento com o fim de pôr em liberdade os presos politicos, e tinha revelações a fazer sobre a finalidade do movimento, muito interessantes.

A'vidamente atendido, e mais avidamente ouvido por todos, o ex-director da Biblioteca, sem pedir segredo, e com convicção, segurança e solemnidade de quem jura sobre umas horas declarou:—

#### FIDELINO HISTORIA:

«Que a 25 de Junho foi procurado por diversas individualidades em destaque na actual situação politica, entre ellas o *tenente Oscar Ruas*, que o convidaram para fazer parte de um governo que pretendiam organizar de accordo com o Ministro da Guerra Passos e Sousa, e que se destinava a pôr termo a esta situação miseravel de indecisões. Fez-lhes ver que era monarchico platónico desde que há cérca de dois anos conferenciou com Pais com D. Manuel e verificou que este pensava em tudo . . . menos em voltar para Portugal. Estava portanto desiludido e desinteressado. Insistiram e aceitou a proposta que lhe faziam, passando a trabalhar na organização do movimento agora abortado, com o objectivo de constituir-se um *governo nacional de força*».

#### O CELEBRE GOVERNO DE PASSOS E SOUSA

Depois de muitas conferências, infindas cancelas e viagens, assentou-se definitivamente na *organização* de um *governo* presidido por **Passos e Sousa**, que ficava com a pasta da guerra, e em que entrariam **Filomeno da Câmara**, **João de Almeida Martinho Nobre de Melo**, **José Vicente de Freitas** e este **Fidelino de Figueiredo**.

Passos e Sousa ao ser-lhe apresentada esta lista de futuros ministros, mostrou-se encantado com um tal *Bloco*, mas manifestou desejo de que entrasse tambem **Oliveira Salazar**. Aceite por todos o alvitre, entrou-se a trabalhar na execução do plano.

#### OS ALTOS COMANDOS PREPARANDO O COMLOT MONARQUICO

Entravam na organização destes trabalhos os **altos comandos de Braga, Porto, Penafiel, Lisboa, Evora** e outros, e trocavam-se até *documentos escritos* com muitas assinaturas entre estes comandos e o *complot*, e tudo estava combinado. Mas a indecisão e inopia dos que deviam resolver, impedia a realização da ideia.

Uma comissão de officiaes, de gradação superior, do Norte e de Lisboa, foi procurar Passos e Sousa a Cascais para lhe pedir moralidade e incutir coragem para correr com esse *governo suposto*. Tudo improficuo!

#### PASSOS E SOUSA COMPROMETIDO TEM MEDO

Nada fazia arrancar Passos e Sousa da sua indecisão. Em presença d'este foi alvitado em várias reuniões do *complot* que sobre os membros do Governo se executasse um *golpe de apache*, sendo esta ideia defendida principalmente pelos officiaes do Porto. Fidelino e outro, opuseram-se sempre e procuravam levar os mais exaltados a esperar os acontecimentos.

#### PASSOS E SOUSA TENTA FUGIR AOS COMPROMISSOS

Na quinta-feira, 11 do corrente, à meia noite, Passos e Sousa mandou chamar o Filomeno da Câmara e convidou-o para a pasta dos Negócios Estrangeiros, mas este não aceitou por não ser esta a pasta que lhe estava destinada e porque haviam combinado que no futuro Governo entrariam todos os do *bloco* ou nenhum.

#### MORAIS SARMENTO APRESENTA UM ULTIMATUM

Na sexta-feira, Moraes Sarmento dirigiu-se à residência do Carmona acompanhado dos capitães Neto e Rodrigues, e apresentaram o *ultimatum* da demissão do Governo e a nomeação de outro.

#### MORAIS SARMENTO BATE NOS DO GOVERNO

Houve borborinho, e diga-se o que se disser em notas officiaes e entrevistas, a verdade é que a scena que ali se passou foi digna dum *bas-fonds* de Alfama—Generais, Ministros e outras personagens que acudiram, foram corridos a **pontapé e á bo-**

**fetada**. Cruzaram-se pelos ares os insultos mais soezes, como: malandros, bandidos; corrigindo-se aumentando-se a celebre frase de Cambronne em Waterloo!

#### OS GENERAIS FOGEM

#### CARMONA ESCONDE-SE DEBAIXO DA MESA

Fugiram todos perante a attitude do aguerrido Moraes Sarmento e Carmona, com toda a sua valentia, meteu-se debaixo da mesa que estava ao centro da sala, e que Moraes Sarmento derrubou com um violento pontapé. Então o gneral agarrou-se-lhe a uma perna e como ao barulho produzido acudissem varias pessoas, Moraes Sarmento, julgando que ia ser atacado, por todas elas, sacou das duas pistolas e desfechou, indo uma das balas ferir o tenente Josino da Costa, secretario do Ministro das Finanças, e outra que foi ferir o Ministro da Justiça . . . nas calças.

Em presença desta attitude de Moraes Sarmento, os soldados da guarda e os criados que tinham acorrido, esquivaram-se.

#### DEPOIS DE CORRER A PONTAPÉS TODO O GOVERNO, O TENENTE SAI

E os tres officiaes saíram muito tranquilamente, dirigindo-se a um café da Baixa, onde contaram a quem os quiz ouvir o rocambolesco caso de que tinham sido herois.

#### E VAI ENTREGAR-SE A' PRISÃO. . . NÃO O PRENDEM! . . .

Resolvendo entregar-se á prisão M. Sarmento apresentou-se ás 2 horas da noite ao tenente Braz Vieira que lhe ouviu a narração da proeza e . . . o mandou embora.

#### O COMLOT, MONARQUICO, CAÇADORES 5 E A IMPRENSA NACIONAL

Nessa mesma sexta feira depois da scena havida em casa do Carmona, o Fidelino foi chamado ao telefone recebendo nessa ocasião a noticia de que o governo tinha fugido, por lhe terem dado ordem de despejo. Combinou com Filomeno e foram os dois a caçadores 5, onde foi resolvido que Fidelino com dois officiaes fosse a Imprensa Nacional levar os documentos da exoneração e nomeação de governo. Sobre esses documentos tem-se dito muita falsidade. Chegaram a *estar compostos* na Imprensa, desistindo-se da sua publicação em presença das objecções do Director Luis Dorouet.

#### AUTENTICIDADE DESTE RELATO

Eis o que foi relatado pelo preso Fidelino de Figueiredo aos presos politicos da Penitenciaria no dia 16 de Agosto do ano de graça de 1927.

Um dos auditores não quiz deixar a porturidade deste bocadinho de ouro, e tirou as suas notas.

Elas aqui ficam convertidas com a possivel fidelidade nesta rápida narrativa,

Fidelino resumiu nesta frase curta e incisiva a obra de ditadura: **Ditadura de sangue e lama.**

*Os chefes do complot têm medo.*

#### OS CHEFES DO COMLOT TEM MEDO

Não deve causar estanhese o medo do Fidelino ao ser levado para junto dos presos republicanos, pois que é geralmente sabido que tanto ele como Filomeno da Câmara, ao serem presos e levados para o campo de concentração da Amadora (Aviação) iam pálidos e enfiados, mal se podendo ter em pé.

Ao entrarem na sala dos officiaes da Aviação, a sua depressão moral acentuou-se e não hesitaram em lhes pedir misericordia, implorando que não os fusilassem, pedido este que os officiaes repeliram enojados, por considera-lo ofensivo da sua dignidade.

## Que choldra!

Ganho o movimento de 28 de Maio, monarchicos e situacionistas proclamaram em alta voz a necessidade imperiosa de uma sindicancia rigorosa aos politicos. Mais:

Pedia-se um processo sumario de forma a habilitar o Poder a enferrolhar nas cadeias os prevaricadores, os maus cidadãos—diziam—que dos cofres publicos se serviam para gaudio seu e das suas clientelas.

Pois bem. Ano e quasi meio vai passado.

O Governo fez as leis que quiz. Nomeou os-inquisidores que lhe apeteceu indo colhe-los aos mais figadaes inimigos dos «politicos».

Resultado? nada, e em certos casos ainda foi obrigado a publicar portarias de socorro aos sindicados—Vidé caso Plinio Silva e P. Teixeira.

Portanto a campanha feita contra os «politicos» foi tendenciosa, de má fé. A Ditadura, os ditadores e os seus serventuarios mentiram e caluniaram.

Agora que o Ministerio cai estrondosamente, á bofetada, que se lhe apontam erros graves, esbanjamentos e verdadeiros assaltos aos cofres publicos, pergunta-se: Onde param os moralistas? Os endireitas? Os patriotas?

Que choldra!



## Constituição integralista

Os monarchicos integralistas triunfam em toda a linha.

Agora, ao que lêmos em certo diário de grande informação, «visado pela comissão de censura», foram nomeados dois monarchicos, um deles regressado ha pouco do Brasil, para elaborarem, por conta da Ditadura, um projecto de nova constituição da Republica!

Lêmos e relêmos a noticia, a ver se seria blague jornalística.

Não era. Não era, nem podia ser. Pois se tudo isto é dos integralistas, se são eles quem mandam, chegando a esbofetear impunemente os ministros que uma vez ou outra lhe não satisfazem imediatamente os caprichos ou as birras históricas, não podiam ser outros os nomeados.

E ainda bem que assim é.

Ao menos fica bem demonstrado, e duma maneira inofismavel, o que vale o republicanismo do Passos e Sousa e a sua influencia no Ministerio sinelesco.

## Jarrões e Jarretas

Se queremos ir arejando a atmosfera, se queremos ir preparando uma republica um pouco diferente da que vivia antes do 28 de Maio, necessario é com delicadeza, metodo e suma prudencia ir collocando nas costas de certos cavalheiros um cartaz onde em letras grossas se leia *cautela com este animal*. Muitos dos conspicuos varões de que temos de occupar-nos, uns são politicamente insexuados, outros assobiam a portuguesa e são da causa monarchica; muitos aderiram á Republica com fragor. Iremos tratar dos que são agentes de Companhias nacionaes e estrangeiras, frequentadores assiduos de antecamaras e gabinetes ministeriaes, dos que mercê de altas posições burocraticas que occupam, preparam processos e os informam arrastando por actos de deslealdade ministros honestos á prática de erros graves, e, ainda dos que, garantindo-se com a chancela dos Partidos, da sua situação se servem para melhor agenciarem a vida com prejuizo do País, não deixaremos de apontar alguns exemplares do classico «Empata» que pela resistencia passiva, pela ignorancia e por um comodismo criminoso emperram a marcha da Administração. Não nos deixaremos influenciar por facciosismos injustos. Não partiremos de hipoteses para formularmos opiniões e juisos. Tomaremos por base factos que marquem com precisão e justeza a indole e a natureza dos homens que vamos trazer para as colunas do «Revivalho». Iniciaremos a série no proximo numero.

## E' FARTAR!

Depois da cedencia do troço inferior do Douro á Espanha, de terrenos em Africa á Belgica—a cedencia do porto da Beira, tambem em Africa, a uma companhia inglesa!

Quem cedeu terreno em face do bico da bota dum sabalerno, no Quartel General, é capaz de ceder tudo... por grosso e a retalho.

## Fideli... nissimos

Aqueles dois officiaes de caçadores 5 que assistiram apavorados ao esbofeteamento de varios ministros e do proprio Carmona, foram postos em liberdade—como se alguma vez estivessem presos—por se não ter provado a sua cumplicidade na aggressão.

No entanto—acrescentam as gazetas affectas aos esbofeteados—ficaram «depositados» em Mafra até se averiguar se estavam ou não comprometidos no golpe de Estado dos integralistas.

Eles a fingirem que não sabem!

Pois claro que não estavam.

Caçadores 5 estava de pedra e cal, como uma rocha, ao lado do govêrno—e todos os seus officiaes eram fidelissimos ao Carmona.

.. Fidelinissimos!

## Aquilo é só na horta!

Um telegrama particular de Londres e que a imprensa publicou diz que o ex-rei de Portugal obteve ali varios prémios em horticultura, especialmente em tomates e batatas.

Achamos naturalissimo que o ex-rei, tendo começado por «cavar» na Ericeira, acabe por cavar batatas em Londres.

Quanto aos tomates expostos pelo ex-monarcha, um integralista partidario do D. Nuno, piscando significativamente o olho, comentava irónico:

— Aquilo é só na horta!

## D. VEVA

D. Veva de Lima—uma «bas bleu» assucarada, é esposa de um Ulrich. E' senhora, não se lhe bate. Conta-se apenas uma historia autentica. Um dia uma senhora amiga deixou-lhe em casa, para passar o dia, o seu filhinho. A' noite foi buscar a creanca e agradecer a gentileza. O menino começou a chorar dizendo que não ia para casa sem vêr os macacos. A mãe e a D. Veva tentavam fazer calar o petiz que continuava birrento:

—Quero ver os macacos, quero ver os macacos.

—Mas, em casa da D. Veva não ha macacos, diz-lhe a mãe.

—Tem sim, continua o petiz. O papá disse no outro dia que a D. Veva tinha macaquinhos no sótão... e eu quero ir ao sótão.

De facto a D. Veva tem macaquinhos.

Ficamos por aqui. Note, madame, temos conhecimento muito completo das suas caçadas em Moçambique. Não nos obrigue a falar. Fiquemos por aqui.

## Começamos a levantar o veu

O capitão da Bolsa Agricola, de nome Parreira cometeu uma burla enorme com os «permis» dos trigos e dos azeites. Já antes desta mirifica negociata, Parreira, capitão da Bolsa Agricola havia recebido de luvás 600 contos—seiscentos contos. Prova-se, quando Parreira quizer.

Da Bolsa Agricola foram desviados para o bolso particular do tenente Campos, 900 contos—novecentos contos. Este tenente fez justiça por suas proprias mãos, *suicidou-se*.

A Bolsa Agricola, a caverna do caco!...

E... continua.



## COMPARE-SE

Parece que os acontecimentos desenrolados em Lisboa no mez findo não passaram duma brincadeira de mau gosto dos meninos integralistas que, vendo os «valentes» Carmonas de cara á banda com as bofetadas do tenente Sarmiento, quizeram preparar-lhes um susto fingindo uma revolução.

Parece tambem que o Baptista das metralhadoras, aborrecido de tanto tempo de quartel em Campolide, deliberou dar um passeio com os seus soldados até á Amadora para gosar as lindas manhãs de verão em companhia dos seus camaradas da aeronautica militar; o Silva Dias, enjoado com o mar de Cascais foi para o mesmo sitio retemperar os nervos e o governo, como dono que é de tudo isto, acorreu ali pressuroso para fazer as honras da casa.

E porque isto assim succedeu, propalaram-se boatos alarmantes pela cidade, a censura redobrou de furia e as forças da guarnição entraram em rigorosas prevenções. Não houve nada. Podia lá ser!

Se a revolução fosse a sério, Passos e Sousa — o heroe — apresentar-se-ia á frente das tropas metralhando cidades indefesas, o Domingues da divisão reeditava o miseravel edital de fevereiro e os navios acendiam caldeiras para levar para terras de Africa os republicanos que são os causadores de todas as infamias praticadas pela gente da ditadura e seus acolitos.

Mentir, mentir sempre para que a gamela não fuja — eis a divisa dos ditadores. O que se passou foi o seguinte. Os integralistas, vendo que com a constituição dum novo governo perdiam terreno, fazem eclodir um movimento revolucionario. Apoiaram-no Artilharia 3, Sapadores dos Caminhos de Ferro, Telegrafistas e o batalhão de Caçadores 5, hotel e torre de menagem do Senhor dos Passos — que não é o da Graça. Fidelino de Figueiredo pretende com a gazua penetrar nas atribuições do director da Imprensa Nacional, fazendo publicar um decreto que o nomeava ministro da Instrução. Filomeno da Camara não obedece á intimação da sentinela e faz do regimento do Lobo da Costa quartel general das forças revolucionarias.

Os Officiaes da Amadora organisam uma forte defesa e dispõem-se para o ataque, para bater as forças militares da guarnição de Lisboa revoltadas.

O Baptista sabe que os morteiros pesados estão em posição em caçadores 5 para lhe darem cabo das metralhadoras e que artilharia 3 estava preparada para as engarrifar e retira para a Amadora.

Tudo isto se passou e o governo com as suas energicas medidas apenas mandou para fora do continente o chefe do movimento e aprisionou quatro ou cinco dos implicados. Em fevereiro, as prisões fizeram-se a esmo, as deportações foram em massa sem que as responsabilidades se apu-

## SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA DITADURA

## III

Comparem esta vergonha de hoje com o acontecido com o dr. Fernandes Costa. Este republicano illustre recusou-se a tomar posse da Presidencia de um ministerio, com os seus colaboradores porque um bando arruaceiro de pistolas aperradas se apresentou gritando á porta da Junta do Credito Publico onde estavam os ministros em conferencia. Na sua consciencia de homem de bem, sentiu-se diminuido, apoucado, rabaixada a alta função que ia exercer. Os ministros da Ditadura, não. Levaram pancada, muita pancada fisica e ainda disseram com lagrimas na voz como as mulheres perdidas: *quanto mais me bates mais gosto de ti.*

*Les beaux esprits se rencontrent toujours.*

E' repugnante!

Apoz a vergonha, a mentira. Cada qual agora inventa a sua historia para desculpar-se. Lembra-se daquele sujeito que levou duas bofetadas e que respondeu aos que o acusavam de covardia: *se não lhe bati tambem, não foi por medo, foi por prudencia?* Os generaes não bateram, não se defenderam, não prenderam o agressor, saiba-o o Paiz, não foi por medo, foi por Prudencia e com P maiusculo.

Registemos algumas desculpas interessantes:

Domingues, general de sofa, disse ao *Diario de Lisboa*:

— Não se prendeu o homem porque estava muito exaltado. Podia dar tiros. Logo que tinha os nervos tranquilos, vae para a prisão.

Profissionais da faca e da pistola podeis matar, ferir, roubar, e quando a Policia vier para deitar-vos a mão, mostrae-vos exaltados, furibundos, que a Policia recolhe á Esquadra e aguarda que vos passe a fingida demencia. Assim vo-lo diz o general Domingues, dos altos comandos, e Comandante da Região Militar, o mesmo que subscreveu heroicamente os editaes mandando fusilar cidadãos portugueses.

Passos e Sousa na *Situação*:

— O tenente Sarmiento veio ao Quartel General falar-me. Dei-lhe um salvo conduto. Que desse tiros, bofetadas, pontapés, que tinha isso? Ninguém podia prende-lo, e muito menos eu. Dava-lhe o salvo-conduto e prendia-o? Ah, não. Não era honesto.

O leitor que tire as ilacções. Agora a melhor. A do Ferreira do Amaral, da Policia, no *Seculo*:

— Anda aí um sujeito a fingir de Moraes Sarmiento, pelos cafés, e teatros... Esse falso Moraes Sarmiento é que eu vou prender.

Pergunta-se: que mal fez ao ministerio, aos ministros, á Ditadura, o homem da calça azul e casaco castanho que tem a infelicidade de parecer-se com o tenente das bofetadas!

O Amaral da Policia com barbas e tudo é o simbolo da Ditadura. Prendem-se os que nada fazem, andam á solta os criminosos. E . . . continua no proximo numero.

rassem; as simples denuncias, movidas por odios e vinganças pessoases, constituíam prova sufficiente para incriminação de criaturas que nunca se meteram numa simples alteração de ordem, quanto mais numa revolução. Daí a miseria e a fome em muitos lares. As lagrimas das mulheres e dos filhos não comoveram os «heroicos» vencedores. E os republicanos que sacrificaram a vida pela defesa das suas ideias foram espesinhados no que de mais sagrado tem o coração do homem — o amor da familia e, muitos deles, assassinados cobardemente.

Que dizem a isto os officiaes republicanos da Amadora? Podem continuar nas cadeias e deportados em Africa homens cujo unico crime é o seu amor pela Republica, enquanto esses patetas alegres do integralismo tripudiam impunemente com o consentimento tacito do governo?

Pode haver benevolencias para aqueles que pediam para os combatentes de fevereiro os castigos mais violentos e desumanos?

Que dizem a isto, senhores officiaes?

Bem sabemos que na mulher não se deve bater nem com uma flor — e os integralistas são mulherengos — mas, ao menos, apliquem-se-lhes meia duzia de açoites, como as mããs fazem aos meninos quando são atrevidos.